



## **Educação e trabalho no campo: perspectivas das mulheres da comunidade de Tamatateua-PA.**

*Education and work in the field: perspectives of women from the community of Tamatateua-PA*

DAMASCENO, Elciene<sup>1</sup>; MOURA, Tuany<sup>2</sup>; PINHEIRO, Joaquim<sup>3</sup>;  
AMBROSIO, Ilson<sup>4</sup>; SANTOS, Jamison<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal do Pará, [elciene456@gmail.com](mailto:elciene456@gmail.com); <sup>2</sup>Instituição, [tuanymoura@ifpa.edu.br](mailto:tuanymoura@ifpa.edu.br); <sup>3</sup>Instituto Federal do Pará, [joaquimpinheiro928@gmail.com](mailto:joaquimpinheiro928@gmail.com); <sup>4</sup>Instituto Federal do Pará, [wilsonambrosio1992@gmail.com](mailto:wilsonambrosio1992@gmail.com); <sup>5</sup>Instituto Federal do Pará, [jamisonsantos027@gmail.com](mailto:jamisonsantos027@gmail.com)

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Gênero, feminismos e diversidades na construção agroecológica.**

**Resumo:** A desigualdade de gênero no campo é uma realidade que se estende a vários aspectos da vida social. Neste trabalho aprofundaremos a relação entre mercado de trabalho e acesso à educação para as mulheres de Tamatateua, zona rural da cidade de Bragança-PA. O objetivo da pesquisa consistiu em realizar um levantamento dos principais fatores que influenciam ou interferem no prosseguimento dos anos de estudos para as mulheres da região, bem como objetiva compreender de que maneira essa realidade alimenta a perspectiva de vida das entrevistadas. Metodologicamente, como instrumento de pesquisa foi utilizado um questionário com 41 perguntas envolvendo aspectos educacionais, trabalhistas e econômicos em 22 entrevistadas que concluíram o ensino fundamental na única escola da comunidade nos anos de 2018 a 2020. Como resultados identificamos que o trabalho reprodutivo, a falta de dinheiro para o transporte, a ausência na oferta de ensino superior na comunidade, a não identificação e reconhecimento nas atividades “tradicionais” da comunidade contribuem para a construção de uma falta de perspectiva na vida profissional das entrevistadas.

**Palavras-chave:** gênero; trabalho; educação no campo.

#### **Introdução**

A educação é responsável por conduzir todas as áreas da vida do ser humano, é através dela que o indivíduo desenvolve os valores éticos e cidadãos, compreendendo seus direitos e deveres perante a sociedade. Dividida em duas formas de educação, temos a formal que ocorre dentro do ambiente escolar e a não formal que são saberes, culturas, aprendizados vivenciados em coletivo social. No campo, devido dificuldades de acesso à escola que oferece todos os níveis de ensino, muitos jovens acabam se afastando da educação formal, e vivenciando a educação não formal com o trabalho na agricultura, pesca e extrativismo, formas e práticas de trabalho culturais que são repassadas de pai para filhos de geração em geração. Tais atividades são predominantes na comunidade estudada. Tradicionalmente, as formas diversas de trabalho com a terra, pesca e extrativismo são práticas voltadas



ao sexo masculino, atribuindo a mulher a função de “ajudante” e/ou limitando sua função ao cuidado doméstico com casa e filhos. Assim, quando trabalham na pesca e/ou agricultura não há um reconhecimento social do seu trabalho, o que dificulta sua identificação com essas profissões. De maneira geral a remuneração destes trabalhos, bem como o reconhecimento do trabalho fica restrito a figura masculina, desconsiderando seu trabalho na preparação do solo, plantio, tratos culturais, colheitas, pós-colheita, preparo do pescado e confecção de apetrechos como forma de produção. Desenvolvendo múltiplas funções no âmbito agrícola e pesqueiro o trabalho da mulher nestas áreas e visto como extensão dos afazeres doméstico, o que causa desvalorização e invisibilidade ao trabalho da mulher. Fato observado em campo, mas também conhecido na literatura como um processo de “invisibilização” do trabalho feminino (Biesdorf, 2011; Maués, 1999; Alencar, 1993; Woortmann, 1992.) Em relação ao trabalho voltado à esfera doméstica, o mesmo é imposto à mulher desde a infância e, assim como nas atividades tradicionais, não é remunerado.

Esta pesquisa foi realizada no município Bragantino, mais precisamente comunidade de Tamatateua- PA, uma região do Salgado paraense, com aproximadamente 474 famílias e 1.620 pessoas. Uma comunidade tradicional com uma diversidade produtiva no manejo agrícola (mandioca, feijão, tabaco), pesqueiro e extrativista (caranguejo, mexilhão, turu, siri).

## **Metodologia**

A pesquisa teve como objetivo a identificação de quais fatores influenciam e interferem na continuidade do acesso das mulheres ao ensino médio/ ensino superior na comunidade de Tamatateua Bragança-Pará, assim como também os trabalhos e as ofertas de ensino existentes na comunidade. Durante o percurso da pesquisa na comunidade de Tamatateua realizamos o levantamento de dados na escola Brasileiro Felício da Silva, a única, existente na comunidade há 35 anos, onde buscamos mulheres que frequentaram a escola da comunidade nos anos de 2018 a 2020 que concluíram o ensino fundamental (9ª ano). Ao longo destes anos pesquisados entrevistamos cerca de 22 mulheres com idades entre 18 a 22 anos, residentes na comunidade cerca de 95% desde que nasceram, declarando –se pardas 80 % das entrevistadas, onde foram abordadas de forma individual. A pesquisa contou com aplicação de questionários com 41 perguntas, abordando aspectos familiares, financeiro e escolar, além de observações descritas no diário de campo. As entrevistas foram gravadas via aparelho celular, com consentimento das entrevistadas. Para análise dos dados, após a transcrição dos questionários foi utilizado o método quantitativo com transcrições, tabelamento dos dados e gráficos mostruários.

## **Resultados e Discussão**

A região bragantina (local da pesquisa) é possuínte de 114 escolas rurais e 23 escolas urbanas ofertando os níveis de ensino básico fundamental menor do ensino infantil até o 9º ano. A falta de oferta do ensino médio nas comunidades rurais gera



dificuldades, principalmente para as mulheres que precisam se deslocar em buscas de escolas nos centros urbanos. Durante a pesquisa alguns fatores foram identificados como falta de dinheiro para transporte, material escolar, assim como falta de suporte familiar para cuidados com os filhos, cabe ressaltar que a comunidade estudada (Tamatateua) não possui creche escolar. Identificamos que 41% das 22 entrevistadas são mulheres desempregadas sem renda, que consideram sua produção na agricultura, pesca e extrativismo como forma “ajuda”.

A falta de uma rede de apoio, políticas públicas e infraestrutura, tais como a oferta de ensino na comunidade, a inexistência de creches e trabalho remunerado, dificultam a perspectiva de vida dessas mulheres. Uma vez que elas não reconhecem seu espaço de moradia (campo) como fonte de renda familiar. Assim, mesmo o trabalho sendo desenvolvido pelo casal (homem e mulher) a renda familiar fica sobre posse do homem tornando-a (mulher) dependente. Sem o principal recurso (dinheiro) ela é incapaz de se locomover longas distâncias em busca do estudo, gerando assim desistências no acesso escolar.

As lutas educacionais, sociais e trabalhistas desenvolvidas pelo gênero feminino acabam causando traumas psicológico em relação às perspectivas de trabalho e educação no campo. Em relatos das entrevistadas é possível identificar que elas não veem perspectivas futuras dentro do campo no âmbito educacional, pois quando questionadas a importância em escala numérica de 0 a 10 da educação em suas vidas, cerca de 97% enumera o nº 10, que avaliado significa muito importante. Mas quanto se faz a pergunta sobre seus futuros e objetivos em cursar faculdade muitas relatam que não pretendem cursar o ensino superior, pensam apenas em trabalhar (relatos de suas falas).

“Fazer esse curso de agora, maquiadora, manicure, essas coisas básicas” (entrevistada nº 7, no 2018).

“Termina o ensino médio, continuar trabalhando, e depois fazer cursos” (entrevistada nº14, ano 2019).

“Ir embora trabalhar pra mim ter minhas coisas” (entrevistada nº 12, ano 2020).

No decorrer da entrevista as 22 mulheres foram questionadas sobre qual sexo (feminino e masculino) teria mais acesso ao sistema educacional de ensino, elas alegaram o sexo feminino. Resultante da pesquisa através de dados junto a secretaria municipal de educação em Bragança (SEMED), tem no total de 16.600 alunos matriculados dentro da rede municipal dos quais 8.408 são mulheres e 8.912 são homens cerca de de 504 matrículas a mais são homens, dados estes desconhecidos para as entrevistadas da comunidade de Tamatateua.



A conquista trabalhista segundo elas se mantém fora do âmbito agrícola, pesqueiro e extrativista, pois a atuação neste trabalho é voltada para o homem como elas mesmo relatam.

Entrevistada nº 20 do ano 2018 “Porque aqui na comunidade e mais roça, pesca, então são trabalhos mais pra homens.

Entrevistada nº 1 do ano de 2019 porque aqui onde moro tem mais trabalho na maré e na roça, não tem emprego fixo, se a gente quiser um emprego a gente vai na cidade pra poder trabalhar. (É a maré num é pra mulher) a maioria não tem possibilidade de trabalhar, é um trabalho muito pesado, maré e mangal. Fica mais provável pros homens, as mulheres ficam dentro de casa fazendo comida essas coisas.

Entrevistada nº 2 do ano 2019 “Tipo aqui as mulheres são maioria donas de casa, por isso talvez não veja uma oportunidade muito grande para nós mulheres, porque mulheres pertencem mais a dona de casa se não for de carteira assinada. Se não for pra cuidar de outra casa, por aqui a gente não encontra, há não ser que trabalhe na roça acompanhando seu esposo ou de outra forma. E mais pra homens com a extração de caranguejo, pescaria essa coisas.

Entrevistada nº do ano 2020 “Por que pesca tira caranguejo, trabalha pra alguém na roça (pra mulher tu acha q não dá?) dá mais e mais o homem que trabalha, que tem mais chance por ser visto com marreto, mais forte”

Assim, embora cerca e 98% sintam vontade de continuar os estudos, elas alegam, que não se encontram seguras em deixar seus filhos em casa, e alegam impedimento ao retorno além das dificuldades relatadas no decorrer do texto (falta de dinheiro, transporte, escola próximo) o cuidado da casa e dos filhos também é listado na entrevista. Percebe-se que todas elas veem a educação como algo importante na vida do ser humano, mas questionada sobre a importância em suas vidas elas não conseguiram expressar-se em palavras.

## **Conclusões**

No campo as relações de gênero são causadas historicamente devido às desigualdades desenfreadas, cultural do patriarcado machista, que são os principais agentes causadores da invisibilidade das mulheres. Embora atualmente haja garantia dos direitos à educação sem restrição de raça, cor e gênero assegurados pela constituição de 1988, as mulheres vivenciaram/ vivenciam um processo de lutas e desigualdades sociais, que muitas vezes pelas dificuldades encontradas com a falta transporte, dinheiro, escola próximo a residência e creche acabam afastando-as do ambiente escolar não vendo perspectivas futuras nestas áreas. Reflexos encontrados não só apenas na comunidade pesquisada (Tamatateua) mas nas diversas comunidades tradicionais no campo em várias regiões do Brasil. São sonhos, que vão ficando apenas nas memórias de mulheres, que teriam tudo para conquistar espaços na sociedade.



### Referências bibliográficas

ALENCAR, Edna F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. 1993.

BIESDORF, Rosane Kloh. **O papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade.** Itinerarius Reflectionis, v. 7, n. 2, p. 10.5216/rir. v1i10. 1148-10.5216/rir. v1i10. 1148, 2011.

KINOSHITA, Failon Mitinori; BATILANI, Italo. **A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO TRABALHO DO CAMPO.** I Seminário de Educação e Diversidade do Campo

LIMA, Josinete Pereira. **Pescadoras e donas de casa: a invisibilidade do trabalho das mulheres numa comunidade pesqueira—o caso da Baía do Sol.** 2003.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. **Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil.** Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 3, n. 2), p. 377-400, 1999.

WOORTMANN, E. F. **Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades «pesqueiras» do Nordeste.** Revista brasileira de ciências sociais, v. 7, n. 18, p. 41-61, 1992.